

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno 36 n.ºs | Semest. 18 n.ºs | Trim. 9 n.ºs | N.º à entrega | 28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 972 | Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5 |
|---|-----------------|--------------------|-----------------|---------------------|-------------------------------------|---|
| Portugal (franco de porte), m. forte... | 3\$800 | 1\$900 | \$950 | \$120 | 30 DE DEZEMBRO DE 1905 | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva. |
| Possessões ultramarinas (idem)..... | 4\$000 | 2\$000 | — | — | | |
| Extrangeiro (união geral dos correios) | 5\$000 | 2\$500 | — | — | | |

Centenario de Bocage



O MONUMENTO A BOCAGE, EM SETUBAL.

BOCAGE

1805-1905

A commmoração centenaria de Bocage, evocando á consciencia historica o dia 21 de dezembro de 1805, em que perecendo para a existencia contingente, renasceu para a immortalidade subjectiva, é uma consagração festiva que tem por centro de resonancia Setubal, o glorioso berço do Poeta, mas engrandecida pela vibração affectiva da nacionalidade portugueza, de que elle será sempre um alto representante.

A vida de Bocage passou-se ruidosamente, deslumbrando pela fulguração do talento repentista, agitando pela audacia das suas affirmações radicalistas, revoltando pela impetuosidade caustica das suas sátiras, encantando pelas expressões apaixonadas do amor, mesmo do erotismo do seu temperamento; elle assim o confessou: — Meu ser evaporei na lida insana, — no tropel das paixões que me arrastava. A sua memoria não se offuscou com a morte; os contemporaneos, poetas e cultores das letras fizeram-lhe uma excepcional apothese, em sympathicos elogios de verdadeiro sentimento pelo genio que succumbia prematuramente aos quarenta annos, esgotado pela lucta contra a miseria, contra a necessidade e sob a pressão do regimen politico absolutista. O nome de Bocage entrou na corrente da popularidade, aureolou-se na tradição, repetiu-se com enthusiasmo, atravessou um seculo de pugnas e de discussão politica philosophica e litteraria; mas essa individualidade foi-se esfumando, falsificando, transmittindo-se apenas o vulto do repentista desen-



José Joaquim Fragoso — Alfredo Portella — Dr. José Braz de Mondonça Furtado — Joaquim Brandão
Jorge Fernandes Gomes — Leonardo Duarte Junior — Luciano Ramalho

MEMBROS DA COMMISSÃO EXECUTIVA DAS FESTAS DO CENTENARIO
(Photographias do sr. Benoliel)

volto, do imprevisador de botequins, do homem da anedota e dos bons ditos pungentes, das Sátiras fulminantes, em versos que são marcas de fogo, como os da *Pena de Talião*, em que diz ao Padre José Agostinho de Macedo: — Gelas a contricção nos seios d'alma; — Põe teu nome por baixo e estou vingado. A popularidade deixada á sua glorificação espontânea é um nimbo que envolve os vultos historicos deformando os contornos da realidade. Basta lembrar essa grandiosa figura da primeira Renascença do seculo XIII, Santo Antonio de Lisboa: apagou-se o cooperador de S. Francisco de Assis na criação da Ordem dos Menores, o lente erudito das Universidades italianas, o escriptor da theologia scholastico-especulativa, e subsistiu na tradição popular o theurgo, o milagreiro syncrético nas credencias das festas primitivas solsticiaes. Um outro exemplo se pode notar n'essa estranha figura historica que representa Portugal na primeira Renascença do seculo XIII, na corrente do negativismo critico, brilhando na Universidade de Paris entre os grandes doutores hecterodoxos: Gil Rodrigues de Valladares; obliterou-se a memoria do medico parisiense, e representante da actividade mental portugueza, para sanctificar o mystico, que para esse fim ficou esquecido nas laudas dos agiologios.

A popularidade prejudicou Bocage, dando relêvo exclusivo a uma phase transitoria da sua vida, n'esses annos de desvairamento do ruído das escolas, das guarnições militares e viagens longinquoas; os mediocres, que pelo esplendor do seu talento o detestavam, avolumaram essas manifestações como constituindo o seu caracter, e os conservantistas ferrenhos com odio ao seu liberalismo consideravam-n'o por essas ideias generosas, por que tanto soffreu, um desvairado, um irresponsavel. Se a popularidade foi injusta para Bocage amesquinhando-o, é porque assim lh'o representaram os elementos dominantes da sociedade do seu tempo. E essa falsificação foi tão intensa, que para muita gente o Centenario de Bocage era uma glorificação excessiva conferrida a um bohemio que improvisava com facilidade; mesmo os seus biographos compilavam anedotas pessoais, e dissertavam sobre as exquisitices do seu temperamento, sem investigarem se o inspirava um ideal, se representava as inspirações da sua época.

O estudo da sociedade portugueza, da ultima metade do seculo XVIII, é o quadro em que o vulto de Bocage recebe a luz que vivifica os contornos da sua individualidade dominante; e se na harmonia dos seus versos apaixonados e vividos está a revelação psychica que o destaca dos poetas arcadistas do seu tempo, nos documentos do archivo da Intendencia da Policia, na prosa sangrenta do ferrenho Pina Manique, é que se encontram os traços que alevantam o homem que saudou a aurora da humanidade idealizando os generosos triumphos da Revolução franceza, e pondo os falsos generos poeticos ao serviço da expressão do livre pensamento. Quando se quizer descrever como em Portugal se reflectiram as doutrinas e aspirações do Seculo excepcional, acharemos nomes illustres como o do Duque de Lofões, como o de Corrêa da Serra, de Brotero, de Mello Franco, e d'entre elles é Bocage aquelle que soffre as enxovias policiaes e os carceres inquisitoriaes. E' um martyr da ideia! E com que desdém despreza a pósta que lhe atiraram para lhe abafarem a voz — recusando um emprego na recente criação da Bibliotheca nacional, — vivendo do recurso mesquinho das suas traducções do latim e do francez!

Qualquer dos revolucionarios que enguliram o seu credo democratico e socialista para ascenderem ás galerias do constitucionalismo outorgado, não hesita em considerar Bocage o banal improvisador, glosando a tradição popular. O poeta selou a verdade das suas aspirações com o sofrimento sob essa compressão material e moral que lhe apossou a morte. Bingre, seu intimo amigo, que lhe sobreviveu mais de cincoenta annos, testemunhou sobre a sua dignidade moral e espirito de independencia, que o impelliram á paixão pela liberdade. Podemos dizer, que se a sociedade portugueza do seculo XVIII, isto, é as instituições que o synthetisaram, desconhecera o valor de Bocage, o poeta encontrou nos mais eminentes espiritos seus contemporaneos a admiração que só se concede aos genios. Lord Beckford deixou-nos a impressão que lhe causara o encontro inesperado com Bocage; é um retrato vivo e flagrante de — «um pallido e exquisito mancebo, a creatura mais extravagante, mas por ventura a mais original que Deus ainda formou. Mil ditos conceituosos, mil rasgos de delirante jovialidade, mil apódas satiricos por elle

incessantemente vibradas, fizeram-nos finar de riso; quando porém, começou a recitar algumas das suas composições, nas quaes grande profundidade de pensamento se allia com os mais patheticos toques, senti-me commovido e arrebatado. Pode-se com verdade dizer, que aquelle estranho e versatil caracter possui o verdadeiro segredo do encanto, com o qual ao grado do seu possuidor anima ou petrifica um auditorio inteiro.

Quem conhece o poder da observação de lord Beckford, e como elle retratou ao vivo a sociedade portugueza na época do Intolerantismo de D. Maria I, é que aprecia o extraordinario valor d'esta impressão que nos revela Bocage; e o que mais nos deslumbra, é a ingenuidade suprema do poeta, quando Beckford lhe fazia sentir a sua admiração, elle se confessa discipulo de Camões no lyrismo dos Sonetos patriarchistas.

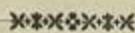
Esta sympathia e quasi culto de Bocage por Camões era uma comprehensão do que tornava o cantor dos *Lusiadas* o poeta supremo, poeta soberano, como Dante chama a Homero: por que elle sentira a raça e dera expressão á nacionalidade portugueza.

Os seus contemporaneos presentiram uma relação immanente entre Camões e Bocage; o sabio allemão Link, que viera a Portugal em missão scientifica, escrevia pouco depois de Bocage ser restituído á liberdade: «Este auctor vive ainda; contudo, pobre e desgraçado, seguiu o exemplo de Camões e foi procurar fortuna ás grandes Indias. Não se lhe pode negar um talento distinctissimo; sempre senhor da sua dicção, a sua expressão é concisa, energica e cheia de harmonia.» Se as instituições sociaes o abafavam na miseria, os espiritos mais cultos, Filinto Elysio, o Conde da Barca, a Marquiza de Alorna o glorificaram, sem que podessem eleva-lo, n'esse meio decaído de um governo cretinizado. Ao fim de um seculo a situação mudou-se: já não são os individuos que prestam a Bocage o culto da admiração, é uma sociedade em que penetrou a luz da critica historica e philosophica, que julga o passado, e que levanta d'essa necrópole indistincta o espirito redivivo nas aspirações que elle idealizou e pelas quaes soffreu.

No seu tempo o poeta era o homem que divertia as reuniões familiares com os seus versos, que reforçava as festas palacianas com as pompas banaes da improvisação; vivia encostado ás casas fidalgas, como Caldas Barbosa, ou fazia peditórios aos principes e opulentos em quintilhas como Nicoláo Tolentino. Como é que esse ente assim degradado poderia ter a audacia de emitir opiniões sobre as cousas publicas, revelar sentimentos de aspirações liberaes? No emtanto em Inglaterra o escriptor elevava-se á altura de formular a opinião publica imposta aos governos, e a entrar elle proprio na acção governativa. Na Alemanha, na Era dos Genios, Schiller e Goethe inspiram-se dando expressão ás aspirações do seu seculo e da sua nacionalidade, creando o Litteratura allemã com os elementos vivos do meio social que representavam. Era uma forma nova do poder espiritual que se ia desvendando no meio da exhibição da força da orgia militar napoleonica. Bocage idealizando a Revolução franceza tornava-se uma manifestação d'esse poder moral, que na primeira metade do seculo XIX vamos encontrar assombrosamente realisado e exercido por Garrett, o renovador da Litteratura portugueza do Romantismo, é tão grande na sua missão esthetica como na acção politica, quando suscitado pela revolução de 1820, e soffrendo pelo seu ideal na emigração de 1823 e 1824, de 1828, e abandono de 1832, sentiu a Nacionalidade, para idealisal-a na Poesia, e servil-a na organização da sua instituição politica em 1836, nas luctas de 1842 a 1851, sempre com sinceridade e desinteresse. Bocage foi menos feliz no desenvolvimento da sua individualidade: a missão litteraria era amesquinhada pelo prestigio das falsas formas arcadicas das Odes, Elegias dramaticas e Poemas didacticos; e a missão social pela pressão moral e material da Inquisição e da Policia, que sustentavam o regimen politico.

Um seculo habilitou a critica para o julgamento synthetico: a sua época afunda-se sob a condemnación de bom senso, e o poeta resurge como o protesto vivo que ainda nos incita para diante.

THEOPHILO BRAGA.



Epigramas de Bocage

Hum Escrivão fez hum roubo,
Diz-lhe o juiz: «que rasão
Teve para fazer isto?»
Responde: «ser Escrivão.»

Chronica Occidental

Com tantos factos que passaram, estes ultimos dias, na politica portugueza, chegada de El-Rei, mudança de ministerio, renovação do encargo de presidente no sr. José Luciano, entrada de novos ministros para as pastas da Fazenda, Obras Publicas e Guerra, addiamento da abertura das Côrtes, etc., pareceria certo que pouco mais do que em politica se falasse por toda a parte. Caso estranho! — quasi succedeu o contrario. E' que o assumpto já fatigava, e é provavel que, muito mais que do sr. José Luciano, se falasse, estes dias, das representações da *Venus*, no theatro D. Amelia.

Hão de uns entrar no anno novo com o pé esquerdo, outros o farão com o pé direito.

O Visconde de S. Luiz irá com estes, tanto mais que, desde ha muito, se falava na fabulosa quantia de dinheiro que havia custado á empresa aquelle sonho da India.

Um deslustramento!

Com todos os theatros funcionando, Lisboa prepara-se para entrar no anno novo alegremente fartissima das muitas tristezas do anno velho, que não deixa de si boa memoria. O que será fóra de Portugal, n'aquella Russia, por exemplo, onde depois do tratado de paz com o Japão, parece que ainda mais sangue ha de correr, que nas fortalezas da Asia sitiadas e conquistadas?

E se apenas esta fosse a herança que 1905 deixa a 1906 já prestes a despertar!

E' ler as ephemerides que um d'estes dias hão de apparecer nos jornaes, e ver em que proporção os luctos entram nas alegrias.

Mudam-se os annos e todos esperam que o anno novo ha de melhorar as coisas mudar o eixo do mundo, mandar para a vil sucata o velho eixo ferrujento, untar melhor o eixo novo. Valha-nos a esperança já que de esperança tambem se vive.

São as Côrtes addiadas por um mez, segundo se diz, e vê-se portanto que o ministerio espera d'aqui até 1 de fevereiro pôr suas coisas em ordem. Seja-lhes 1906 favoravel, e todos lucraremos com isso, os que fóra de qualquer paixão partidaria, desejam o bem e o socego do paiz.

Ora se até os ministerios vivem de esperança, que farão os homens, que nem sempre podem viver de expedientes? Diz um velho dictado: Cada hora Deus melhora. Facil é, pois, calcular o que Elle não melhorará em cada anno.

Com a esperança de braço dado ouviremos a primeira badalada da meia noite que nos dá entrada no primeiro de janeiro. E' toda convenções a divisão do tempo; mas não ha quem não sinta n'essa hora o que quer que seja, uma certa sensação mysteriosa, como se todos os que estão comnosco tivessem parentesco com as estranhas personagens do conto de Hoffmann.

Não se teria dado toda esta mudança no ministerio, se não fosse nos que entraram um certo palpito, um fulgir de certa luz, á falta de intima certeza, de que hão de os negocios melhorar, de que ha de serenar o céu politico, d'aqui até lá, soprando vento galerno com maré de mais algumas rosas.

Os ministros novos ouviriam os perus velhos na hora em que sahiram de suas casas para o paço e, muito naturalmente, como a toda a gente, o glu-glu-glu dos condemnados inspirou-lhes ideias alegres, todas de festa e de paz, como são as reuniões de familia, a boa canja, as broas, e as lindas tiras brancas e loiras do peito gordo da ave symbolica.

Sempre dá um certo animo a boa disposição das coisas exteriores. Foi entre côros das pompas aves, lembrando boas ceias, que os novos ministros se apearam das carruagens á porta dos ministerios.

De todos foi bem recebida a nomeação, porque de todos elles são conhecidos o valor intellectual e as faculdades de trabalho.

O novo ministro da Guerra, sr. Mathias Nunes, menos mettido em politica do que os seus dois collegas, é um militar muito illustrado do que deu provas como director da fabrica de fundição de canhões, cargo que ultimamente exercia. Os srs. dr. Antonio Cabral e conde de Penha Garcia, novos ministros das Obras Publicas e da Fazenda, ainda ultimamente revelaram seus dotes de parlamentares defendendo na camara os actos do ministerio. O primeiro era actualmente chefe do gabinete da presidencia do conselho; o segundo começou a ter um nome conhecido por artigos que, sobre altas questões financeiras e sociaes escreveu em jornaes diversos.

Eil-os a contas, o que não é invejavel para o sr. conde de Penha Garcia, com a terrivel ques-

tão que ha tantos mezes tem apaixonado a opinião publica, e ainda tanto ha de dar que falar: a celebre questão dos tabacos. Muito se vai dizendo a este respeito e do novo contracto que o governo pretende negociar e da separação do antigo grupo financeiro. O que uns dizem, desdizem outros, embora todos concordem que a solução deve ser urgentemente dada ao problema que mais tem nos ultimos tempos preocupado o paiz.

O sr. ministro da guerra tambem se vai ver a braços com um problema importantissimo, tal é o da expedição contra os cuamatás e cuanhamas que, dentro de pouco, mais ou menos tres mezes, d'aqui deve seguir a vingar-nos das affrontas inflingidas em Africa. Serão menos de dez mil homens, que vão combater contra uns trinta mil negros, muitos d'estes armados com espingardas modernas.

Aos allemães, que lá teem vinte mil homens, não ha sido facil submeter os pretos revoltados, mas os officiaes portuguezes não só não hesitam em partir, mas levam consigo a esperança d'uma tão fulgente victoria, como a que ha annos nos alegrou o coração a todos. Muitos dos que vão conhecer já aquella Africa e sabem, por o terem visto, a valentia do soldado portuguez, sua resistencia nos mais penosos trabalhos, a energia moral que o tornou celebre entre os melhores soldados do mundo.

E' entre os rumores das festas do Natal e das que se preparam para o Anno Bom, que em Vizeu, em Thomar e em Vianna do Castello os soldados saudosos se vão despedindo de suas familias, e dos lares a que mais gloriosos hão de breve voltar.

As festas hão de distrahir-os das saudades, assim como em Lisboa teem posto, por estes dias, de parte tudo o que seja negocio serio. Até os mais acirrados jornaes em coisas de politica, de quando em vez, nas gravissimas columnas do artigo de fundo, teem tratado — e ainda bem! — alguns assumptos d'arte.

Quando a chuva o permittiu as ruas de Lisboa estiveram estes dias em grande animação. Já os mais retardatarios voltaram á capital, como é costume logo que abre o theatro de S. Carlos. No dia 29, depois de larga ausencia no estrangeiro, chegou a Lisboa a Rainha Sr.^a D. Maria Pia acompanhada por seu filho o Sr. Infante D. Affonso.

Theatros e circos abriram e n'estes dias de festa enchem-se á cunha. O circo das Portas de Santo António, S. Carlos, D. Maria, D. Amelia, ainda que tivessem o dobro da lotação, não lhes ficaria um só logar sem espectador.

Mas festas que põem na sombra as de Lisboa foram as realizadas em Setubal coroadas o primeiro centenario do fallecimen o de Bocage.

Já na ultima chronica nos referimos á forma brilhantissima por que a patria do grande poeta portuguez honrou sua memoria. O OCCIDENTE de hoje largamente se occupa d'estes festejos, assim dando seu applauso aos iniciadores da honrosa commemoração.

Um dos numeros do programma foi no theatro D. Amelia a representação da peça do sr. Arthur Lobo d'Avila, *O Coração de Bocage*, que na véspera fôra pela primeira vez representada no theatro de D. Maria.

Estas representações, segundo vemos em alguns jornaes, deram motivo a questões entre o auctor e os dirigentes do theatro. Não concorreu o publico aos espectaculos como alguns esperariam, e, mais uma vez se confirmou a nossa opinião de que certos factos ou personagens historicos difficilmente podem fornecer heroes aos dramaturgos. Se até alguns de pura fantasia morrem anemicos quando do romance passam para o tablado! Haja vista o que tem succedido com o D. Quixote, agora fornecendo mais um fiasco á tentativa de Jean Richepin, que é, no entanto, um dos mais illustres poetas francezes, e já tem no theatro, muitas vezes, conquistado os maiores applausos.

O *Frei Luiz de Souza* forneceu ao gerente de D. Maria compensação sufficiente e tão boa ou melhor lhe vai dar a reprise do *Hamlet* actualmente em ensaios.

Os revisteiros estão a esta hora todos trabalhando. D'aqui a pouco, são cartazes de revista em todas as esquinas e muito dinheiro nas gavetas dos camaroteiros. Não se lhes pode desejar melhor para o anno novo.

JOÃO DA CAMARA.

SETUBAL

BERÇO DE BOCAGE

N'esta terra, a 15 de Setembro de 1765 nascia em uma casa n.^o 17 e 18 da rua de S. Domingos, Manoel Maria Barbosa du Bocage, filho do advo-

gado José Soares Barbosa e de D. Marianna Joaquina Xavier Barbosa du Bocage.

Era então Setubal uma villa cujo primeiro fidalgo foi dado por D. Manoel, em Lisboa, a 27 de junho de 1514, não constando que outros tivesse antes d'este, pois Franklin o não menciona.



CASA ONDE NASCEU BOCAGE

Não nos deteremos sobre as origens de Setubal, porque teriamos muito a escrever sem assentar em nada de certo e positivo, perdendo-nos entre as ruínas subterradas de Troia e de Cetobriga, não vindo para aqui investigações tão profundas.

Pretendemos apenas dizer alguma coisa de Setubal dos ultimos tempos, ainda que isso nos transporte aos meados do seculo XVIII, em que Bocage ali nasceu, como tantos outros varões e donas illustres por seus merecimentos ali viram a luz do mundo.

Longa é a lista dos filhos de Setubal que illustraram sua patria, e se fôrmos citar seus nomes e suas obras, excederíamos os limites que nos estão marcados para estas linhas, e não diríamos da formosa rainha do Sado, do berço de Elmano Sadino de que elle se despediu com magua ao partir para a India:

Eu me ausento de ti, meu patrio Sado,
Mansa corrente delectosa, amena,
Em cuja praia o nome de Filena
Mil vezes tenho escripto e mil beijado:

Nunca mais me verás entre o meu gado
Soprando a namorada e branda avena,
A cujo som descias mais serena,
Mais vagarosa para o mar salgado:

Devo emfim manijar por lei da sorte
Cajados não, mortiferos alfanges,
Nos campos do cholericó Mavorte;

E talvez entre impavidas phalanges
Testemunhas farei da minha morte
Remotas margens, que humedece o Ganges.

Rainha do Sado dissémos, porque na margem direita d'este rio, Setubal se estende em grande extensão reflectindo nas aguas sua casaria e formosa paisagem, desde o castello de Outão que n'ellas banha suas vetustas muralhas, até o elevado monte coberto de denso arvoredo onde, por entre a ramaria, alveja o encantador convento de Brancannes.

O maior desenvolvimento de Setubal pôde-se marcar desde os meados do seculo passado, sendo a industria da pesca a que mais concorreu para a sua riqueza, dando lugar á fundação de mui-

tas fabricas de conservas de peixe, o que constitue o melhor de seu commercio.

A sua numerosa população divide-se por sete freguezias, sendo quatro intra muros e mais as de Palmella, Villa Fresca de Azeitão e Villa Nogueira, contando uns 6:250 fogos.

Foi em 1860, que por carta régia de 19 de abril, D. Pedro V deu a Setubal os fôros de cidade:

«1.^o por ser a povoação immediata em importancia, ás primeiras cidades do reino.

«2.^o Pelos constantes testemunhos que os setubalenses tem dado de nobre dedicação ao throno e ás instituições constitucionaes». (1)

No anno seguinte, a 1 de fevereiro chegava o primeiro comboio do caminho de ferro a Setubal, e este importante melhoramento foi mais um incentivo para o progresso da nova cidade.

Não foi inutil para Setubal o grande beneficio do caminho de ferro, mercê da intelligencia e actividade da sua população, que já no seculo XVI merecia a D. João III o titulo de **Notavel** com que este monarcha a agraciou por carta régia de 26 de outubro de 1525.

Mas se o povo de Setubal se pôde orgulhar de tão valioso documento, não menos se tem honrado com a memoria dos seus conterraneos illustres, entre os quaes Manoel Maria Barbosa du Bocage mais tem vivido em seu espirito.

O povo, de Setubal não se esqueceu de Elmano Sadino, e dizemos povo, porque foi este o primeiro a lembrar-se do nome do seu poeta para um theatrinho que, em 1834 tres operarios, Candido Xavier da Silva, Manoel Duarte da Silva e Joaquim Alberto Sólha, fundaram em uma casa velha da rua dos Almocreves, o qual passados 20 annos foi reconstruido por Antonio José Pacheco, ficando a frontaria para a rua da Conceição.

Outro setubalense, cultor das letras e mimoso poeta, o sr. Manoel Maria Portella, inicia em 1864, no jornal, de que era redactor, *Voç do Progresso*, uma subscrição, para se collocar uma lapide commemorativa na casa onde nasceu Bocage, o que levou a effeito, sendo inaugurada em 10 de abril do dito anno a seguinte inscrição:

N'ESTA CASA NASCEU O INSIGNE POETA
MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE
A 15 DE SETEMBRO DE 1765

ALGUNS DOS SEUS CONTERRANEOS
MANDARAM FAZER ESTA MEMORIA NO ANNO DE 1864

Esta casa foi comprada em tempo pelo sr. Bar-tissol que, depois de a ter restaurado, a offereceu á Camara Municipal em 17 de abril de 1888, tendo esta estabelecido ali uma escola.

Aquelle singelo monumento á memoria do insigne poeta, foi o precursor de outro mais imponente, qual o que hoje se ergue na praça de Bocage em frente dos Paços do Concelho.

Effectivamente d'aquella simples inscrição nasceu, na mente de outro insigne poeta, a ideia de monumento mais condigno.

Foi Antonio Feliciano de Castilho que dirigindo-se por cartas a seu irmão José Feliciano de Castilho, ao tempo residindo no Rio de Janeiro, lhe lembrou para abrir entre a colonia portugueza e brazileiros uma subscrição para se erigir um monumento a Bocage na terra da sua naturalidade.

A ideia foi bem acolhida na capital do Brazil, reunindo a subscrição os fundos necessarios para se construir o monumento, do qual se lançou a primeira pedra a 22 de novembro de 1871 com toda a solemnidade, pelo presidente da Camara de então o dr. Antonio Rodrigues Manito.

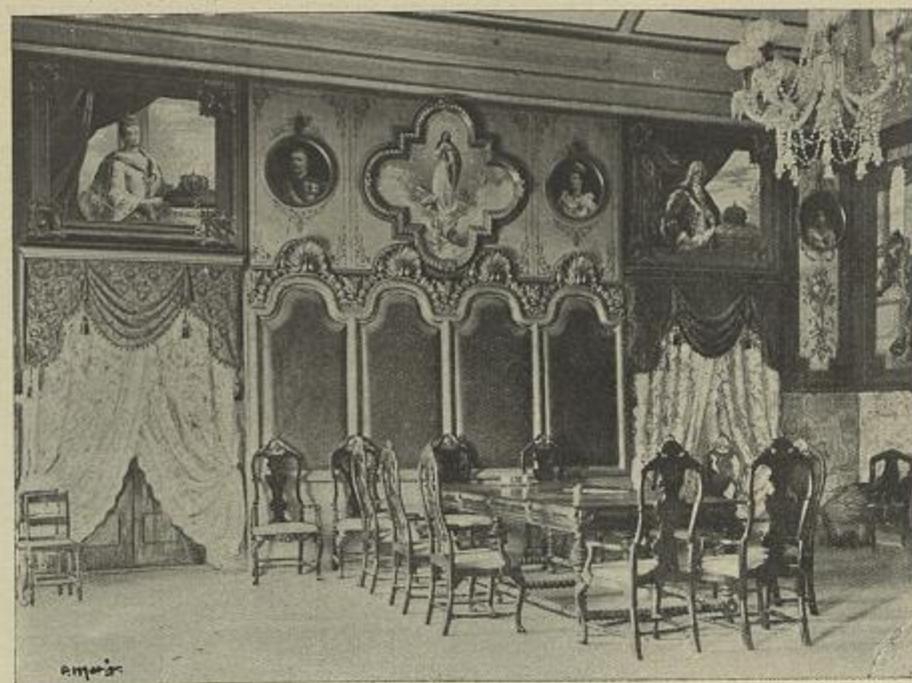
No anno seguinte a 21 de dezembro era o monumento solemnemente inaugurado, com a assistencia da Camara Municipal e mais auctoridades da cidade, tendo tambem comparecido ao acto o Marquez d'Avila e Bolama, vice-presidente da Academia Real das Sciencias, o ministro do Brazil em Portugal ao tempo sr. Miguel Maria Lisboa, Visconde de Castilho, Antonio Rodrigues Sampaio e Antonio da Silva Tulio, secretario da commissão.

Foi um dia dos de maior festa em Setubal onde concorreu tambem muita gente de Lisboa.

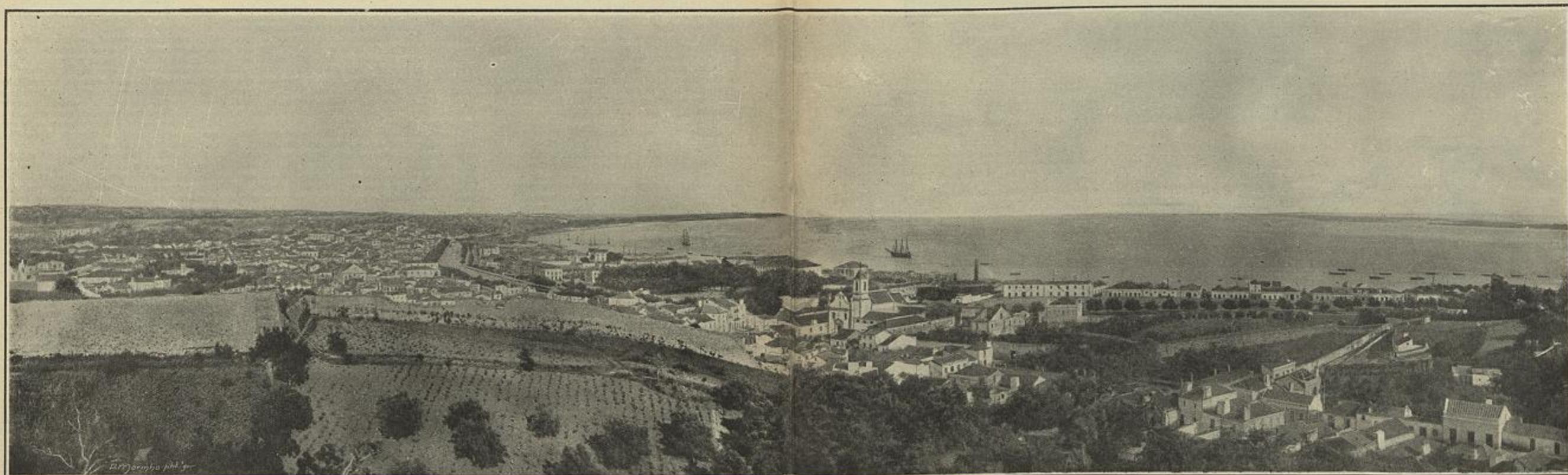
O monumento é todo de marmore. A base em forma octogнал compõe-se de quatro degraus sobre que assenta um plinthe d'onde se ergue uma columna de ordem corynthia, em que pousa a estatua do poeta em traje do seu tempo, tendo a cabeça descoberta e segurando na mão direita uma penna e na esquerda um rolo de papel.

(1) Da carta régia referendada pelo marquez de Loulé.

Centenario de Bocage



SALA DOS PAÇOS DO CONCELHO DE SETUBAL ONDE SE REALISOU A SESSÃO SOLEMNE EM HONRA DE BOCAGE
(Photographias do sr. J. Benoliel)



PANORAMA DA CIDADE DE SETUBAL
(Photographia do sr. J. Benoliel)

Na frente do monumento lê-se no pedestal a seguinte inscrição:

A. M. M. BARBOSA DU BOCAGE
ADMIRADORES SEUS
PORTUGUEZES E BRAZILEIROS
M. D. CCCLXXII

Assim ficou Setubal possuindo um monumento a perpetuar a memoria do seu Elmano Sadino, que tão bem soube honrar a terra que lhe foi berço.

Este monumento influiu de certo no espirito do povo setubalense, para que um dia affirmasse, em homenagem bem levantada, todo o amor e respeito que dedica á memoria do seu poeta.

Esse dia chegou e devia ser o do centenário da morte de Bocage, já que o do nascimento passára sem commemoração.

A fórma brilhante com que o povo de Setubal commemorou a data em que Bocage, deixando o mundo principiou a viver para a immortalidade, honra tanto a memoria do grande poeta do seculo XVIII como os seus conterraneos que promoveram esta significativa homenagem.

CAETANO ALBERTO.

Manoel Maria Barbosa du Bocage

Os seus restos mortaes

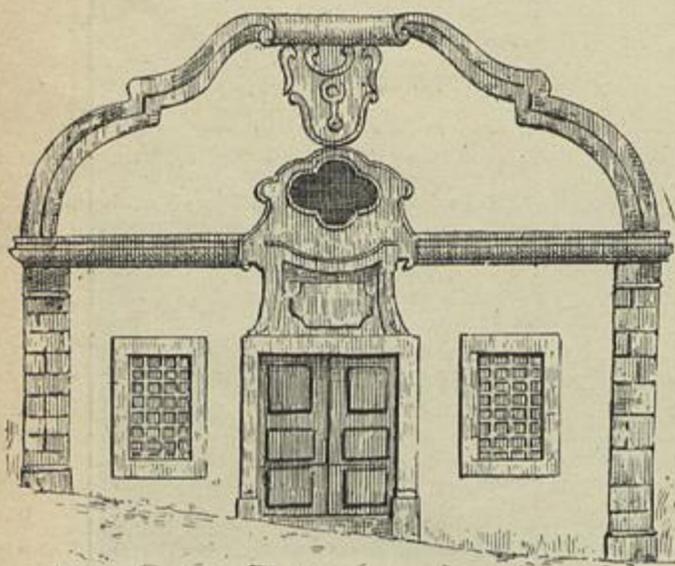
Passa hoje o primeiro centenário da morte de Bocage um dos nossos melhores poetas, que, qual outro Luiz de Camões o immortal cantor dos feitos portuguezes no Oriente, só teve na sua vida, bem accidentada, desgostos e infortunios como elle proprio nos diz no soneto:

«Camões, grande Camões, quam similhante
«Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
«Egual causa nos fez perdendo o Tejo
«Arrostar c'o sacrilego gigante:»

«Como tu, junto ao Ganges susurrante
«Da penuria cruel no horror me vejo;
«Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
«Tambem carpindo estou, saudoso amante:»

«Ludibrio, como tu, da sorte dura
«Meu fim demando ao céo, pela certeza
«De que só terei paz na sepultura:»

«Modelo meu tu és. . . Mas, oh tristeza! . . .
«Se te imito nos trances da ventura,
«Não te imito nos dons da natureza.»



FRONTARIA DO EXTINGTO CEMITERIO DAS MERCÊS

E na realidade quão similhante foi a existencia de ambos! E para que essa similhança continuasse ainda além tumulo, quiz o destino que os seus ossos se confundissem no pó da terra, desaparecendo para sempre os venerandos despojos dos dois maiores poetas que tem havido em Portugal.

De Camões sepultado na igreja do extincto

convento de Sant'Anna, nada se encontrou apesar das pesquisas que por vezes se fizeram n'esse sentido. De Bocage não só se perderam, como até desconhecido é o local onde foi sepultado.

Em 1896 propuzemo-nos averiguar da sepultura de Bocage, e sabendo que elle fóra parochiano das Mercês e n'esta freguezia fallecido aos 21 de dezembro de 1805, entendemos que as nossas investigações deviam começar por examinar o cartorio da freguezia, onde, como era natural, devia existir qualquer documento que servisse de ponto de partida ao nosso trabalho. Effectivamente encontrámos, a pag. 50 do livro n.º 8 de obitos d'aquelle anno, o registo do teor seguinte, o qual transcrevemos na integra:

«Aos vinte e hum de dezembro de mil oitocentos e sinco, na travessa de André valente faleceu com todos os Sacramentos Manoel Maria Barbosa du Bocage, solteiro, natural de Setubal, filho do Bacharel Luiz Soares Barbosa e Bocage, e de Dona Maria Anna Joaquina Barbosa, não fez Testamento, foi sepultado no Jazigo desta Igreja. De que fiz este assento que assignei. O Coad.ºr José Luiz de Souza.»

Este documento, dizendo-nos onde foi sepultado Bocage, com quanto nos não precise o local do jazigo da igreja, é valioso, e por isso convinha aproveitar a indicação que nos offerecia como unica fonte authentica para chegar a um resultado seguro.

Continuamos as investigações e apuramos que o jazigo a que se refere aquelle documento era um verdadeiro cemiterio, e não um carneiro ou simples coval como á primeira vista se pode inferir do laconico registo. Este cemiterio era situado na rua dos Caetanos dentro de um grande barracão que tem hoje os n.ºs de policia 2, 4 e 6 e serve de deposito de moveis.

Em 1897 a junta de parochia vendeu o barracão, e o novo proprietario rebaixou o solo encontrando nas excavações varias ossadas que foram removidas para um dos cemiterios da capital, como se vê da seguinte local publicada no *Diario de Noticias* de 18 de abril do mesmo anno.

Ossadas humanas

«Na rua dos Caetanos, predio onde estava estabelecida a officina de pintura de carruagens do conhecido mestre Sebastião, andam-se fazendo umas excavações. Hontem foram ali encontradas algumas ossadas humanas e removidas para o cemiterio após as formalidades do estylo.»

Esta local surprehendeu-nos no leito que a falta de saude nos obrigou a guardar; apesar d'isso escrevemos logo ao sr. dr. Sousa Viterbo uma carta, da qual o illustre academico fez publicar no *Diario de Noticias* de 21 do mesmo mez, os seguintes periodos:

«Devo dizer-lhe que a tal officina está montada n'uma casa da rua dos Caetanos, esquina da travessa das Mercês, onde era antigamente o cemiterio da freguezia das Mercês. Actualmente essa casa pertence á junta de parochia, que a traz alugada ao referido mestre Sebastião.

«Tem havido o maior desprezo por aquelle pedaço de terra sagrada, sem haver o menor respeito pela memoria do notavel poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage que foi ali sepultado.

«Chame V. Ex.ª a attenção de quem competir sobre este assumpto a vêr se se pode pôr ponto a esta profanação.»

De nada serviu o nosso apello para evitar que continuasse a profanação no antigo cemiterio das Mercês onde tinha sido sepultado Bocage, cujos restos,

tumultuosamente removidos e misturados com outros, se perderam para sempre.

Esses restos perderam-se é certo, todavia a sua memoria viverá eternamente alumiada pela luz brilhante do seu fecundo talento.

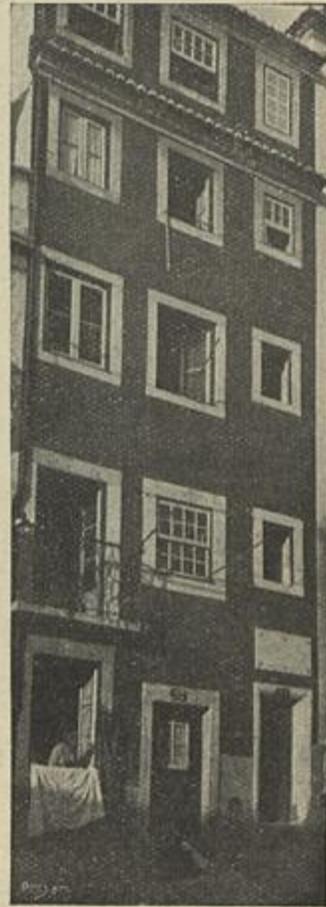
21—XII—905.

M. A. FERREIRA DA FONSECA.

Casa onde falleceu Bocage

Collocação da lapide

Não obstante haver a tradição em Lisboa de que Bocage fallecera em uma casa da travessa de André Valente, não era até ha pouco, bem definida e assente qual era essa casa.



CASA ONDE FALLECEU BOCAGE

Investigações, porém, a que ultimamente procedeu o sr. Antonio Cesar Mena Junior, nos registos prediaes de 1805, archivados no Tribunal de Contas, permittiram esclarecer-se de modo positivo este ponto duvidoso, como se vê pelo documento que transcrevemos.

«Livro do Arruamento e Descripção dos Predios, e outros Objectos da Colecta da Decima e Novos Impostos da Freguezia das Mercês, pelo presente anno em conformidade do Real Decreto de 8 de Junho de 1805, e das Leis anteriores a que elle se refere.

Será numerado e rubricado com a firma de que uso. —Castro—Lisboa, 4 de Julho de 1805. O Superintendente das Mercês—Filippe Ferreira de Araujo e Castro.»

Beco de André Valente
N.º 297

Cazas dos Herdeiros de Maximiliano Freguezia de Oliveira.

| | |
|--|---------|
| N.º 10, 11 e 12. | |
| Loja Verissimo José de Oliveira | |
| —Criado de servir—desoitto mil réis | 18\$000 |
| Sobrado Francisca Magna—vinte e quatro mil réis | 24\$000 |
| Sobrado José Caetano—Archeiro—vinte mil réis. | 20\$000 |
| Sobrado «Manuel Maria du Bocage»—Sem officio—vinte e um mil e seiscentos | 21\$600 |
| Sobrado Haur Embarcação—dez mil réis. | 10\$000 |
| | 93\$000 |

Este predio que então tinha os numeros de policia 10, 11 e 12 é o que tem hoje os n.ºs 23 e 25 sendo o terceiro que se encontra á direita de quem da rua Formosa descer a Travessa de André Valente.

Tem loja e quatro andares como tinha em 1805 e foi no terceiro andar que Manoel Maria Barbosa du Bocage, falleceu a 21 de dezembro d'aquelle anno.

Esclarecido este ponto duvidoso, resolveu a Camara Municipal de Lisboa, collocar uma lapide commemorativa no predio citado, a qual foi solemnemente inaugurada no dia 21 do corrente, com a assistencia da Camara Municipal, do sr. Roma du Bocage, parente do poeta, e representantes da Imprensa, etc

D'este acto se lavrou auto que foi assignado pelas pessoas presentes e que é como segue:

Auto

Aos vinte e um dias do mez de dezembro do anno de 1905, pelas tres horas da tarde, n'esta mui nobre cidade de Lisboa, e travessa de André Valente, e freguezia de Nossa Senhora das Mercês, onde se achava presente o sr. conselheiro de Estado, Antonio de Azevedo Castello Branco, digno par do reino, ministro de Estado honorario e presidente da Camara Municipal de Lisboa, inaugurou-se uma lapide commemorativa na fachada do predio com os numeros vinte e tres e vinte e cinco, onde falleceu o poeta, Manuel Maria Barbosa du Bocage, e achando-se tambem presentes os vereadores da Camara e mais pessoas abaixo assignadas, e pelo mesmo ex.^{mo} presidente foi corrida a bandeira portugueza que velava a lapide e ficando esta patente, viu se que era de pedra lioz, medindo um metro e dez centimetros de largura por sessenta centimetros de altura, e tendo gravada a seguinte inscripção:

Aos 21 de Dezembro de 1805, Falleceu n'esta casa o poeta Manoel Maria Barbosa da Bocage. E para constar se lavrou o presente auto, que vai assignado pelo presidente e vereadores da camara e todas as pessoas presentes.



O SR. CORONEL ROMA DU BOCAGE ASSIGNANDO O AUTO DA INAUGURAÇÃO DA LAPIDE NA CASA ONDE FALLECEU BOCAGE (Instantaneo do sr. Benoliel)

O CANAPÉ DE BOCAGE

Varias historias se tem contado a respeito d'este canapé, que, attendendo á penuria em que Bocage viveu e morreu, deve ter sido, talvez, o movel de mais valia que o pobre vate possuio.

Uns dizem que Bocage o herdara de seus paes, e que de Setubal o trouxera para Lisboa; outros contam que elle o encontrara abandonado em uma casa para onde se mudou e que ao ver aquelle venerando movel, improvisara a seguinte quadra:

Quando a velha antiguidade
Por estas casas entrou,
Disse áquelle canapé:
Sua benção, meu avou!...

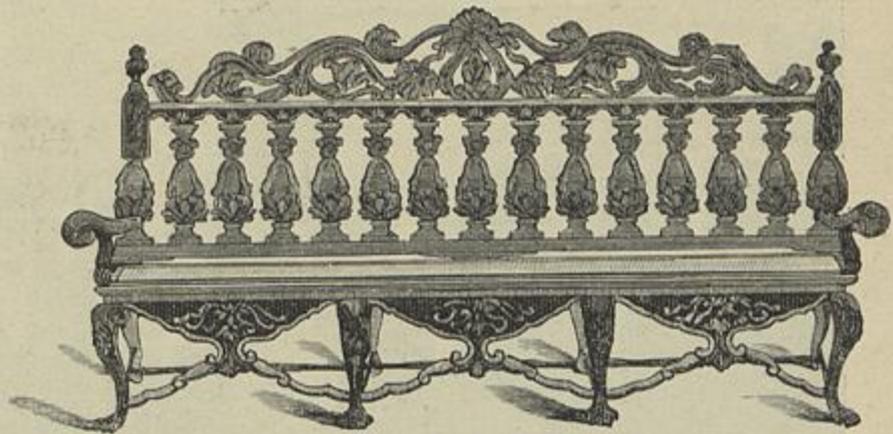
Esta quadra, que tanto se popularisou, diz ainda a tradição que foi o termo de um desafio, entre varios poetas do tempo que frequentavam a casa de Bocage, e que improvisaram quadras ao velho canapé.

Comquanto esta tradição pareça a mais coherente com a quadra de Bocage, outra origem é ainda dada ao celebre canapé que diz elle ter feito parte da mobilia da casa do poeta quando esteve em Goa.

Mas foi ahi que Bocage lhe fez a conhecida quadra?!...

O que é certo, porém, é que antes de 1850 já o celebre canapé existia no ministerio da marinha, meio abandonado para um canto, carregado da poeira dos annos, meio mutilado e com um assento de pau, uma verdadeira ruina.

E como viera o canapé ali parar?
Não sabemos; entretanto todos affirmavam ter aquelle velho movel pertencido a Bocage.



O CANAPÉ DE BOCAGE

ruas da cidade, tocando o hymno da Carta e o dedicado a Bocage, animando-se toda a população de Setubal.

Fez parte do programma das festas, as conferencias feitas no theatro D. Amelia, acerca do poeta, pelos srs. drs. Manuel d'Arriaga, Zeferino Candido, Theophilo Braga e o jornalista sr. Carlos de Mello.

Esta parte do programma foi, por ventura, a de melhor lição, por fazer toda a luz sobre a vida e valor do poeta, tão mal apreciado pelos seus contemporaneos, como mal julgado pelas gerações que lhe succederam.

Outro numero do programma foi o cortejo civico, em que se incorporaram, a Camara Municipal e auctoridades civis e militares, as principaes associações da cidade e a Academia de Setubal, levando estas corporações os seus estandartes; varias philarmonicas e *sol-e-dós* populares e lindos carros alegoricos, dos maritimos, dos soldados, dos industriaes fabricantes de conservas, dos empregados do commercio, dos bombeiros voluntarios e o da commissão dos festejos.

O cortejo, que sahio do largo de Jesus levando á sua frente um esquadrão de cavallaria 5, percorreu a rua Direita, largo da Fonte Nova, rua da Cruz, largo da Annunciada, Avenida Todi, praça do Cabedo, ruas do Rei, S. Domingos, ladeira de S. Sebastião, ruas de S. Sebastião, Misericordia, Serpa Pinto até á Praça de Bocage.

O cortejo foi formando em volta da praça lançando as creanças, que iam no carro dos soldados, flores sobre o monumento, ao mesmo tempo que a multidão soltava entusiasticos vivas e dava palmas, subindo ao ar n'essa occasião innumeros foguetes e salva de morteiros, emquanto as creanças das escolas, que compunham o Orpheon, n'uma tribuna armada em frente da igreja de S. Julião, entoavam o hymno *Preito a Bocage*, acompanhado pela banda de infantaria 11.

Surprehendente espectáculo apresentava então a praça de Bocage, vistosamente decorada de festões de flores, bandeiras e galhadertes pendentes de elevados mastros, tudo em plena festa, em que não faltava a alegria em todos os rostos, o jubilo do povo glorificando o seu poeta.

No monumento fôra collocada pela Camara Municipal, uma lyra de bronze a qual estava coberta pelas bandeiras portugueza e brasileira.

Para a descerrar convidou o sr. José Joaquim Fragoso, presidente da Camara, o sr. Dr. Theophilo Braga.

N'este acto o eminente sabio e homem de letras pronunciou a breve allocução que se segue:

«Senhores! Ao desvendar a Lyra consagrada pela Municipalidade de Setubal ao Poeta que tanto dignifica a nossa patria e a nossa Nacionalidade, mesmo o Genio da raça portugueza, cumpre-me dar relevo ao intuito d'esta homenagem social.

«A Lyra de bronze é um symbolo que exprime a concordia das almas: assim o manifestou a Antiguidade no bello mytho da Lyra de Orpheo, que domava as feras, serenava as tempestades e congregava os homens para erigirem cidades.

«A Lyra ideal do Poeta é a que vibra com estas quatro cordas: a emoção pessoal, o sentimento da Familia, a autonomia da Patria e aspiração da Humanidade.

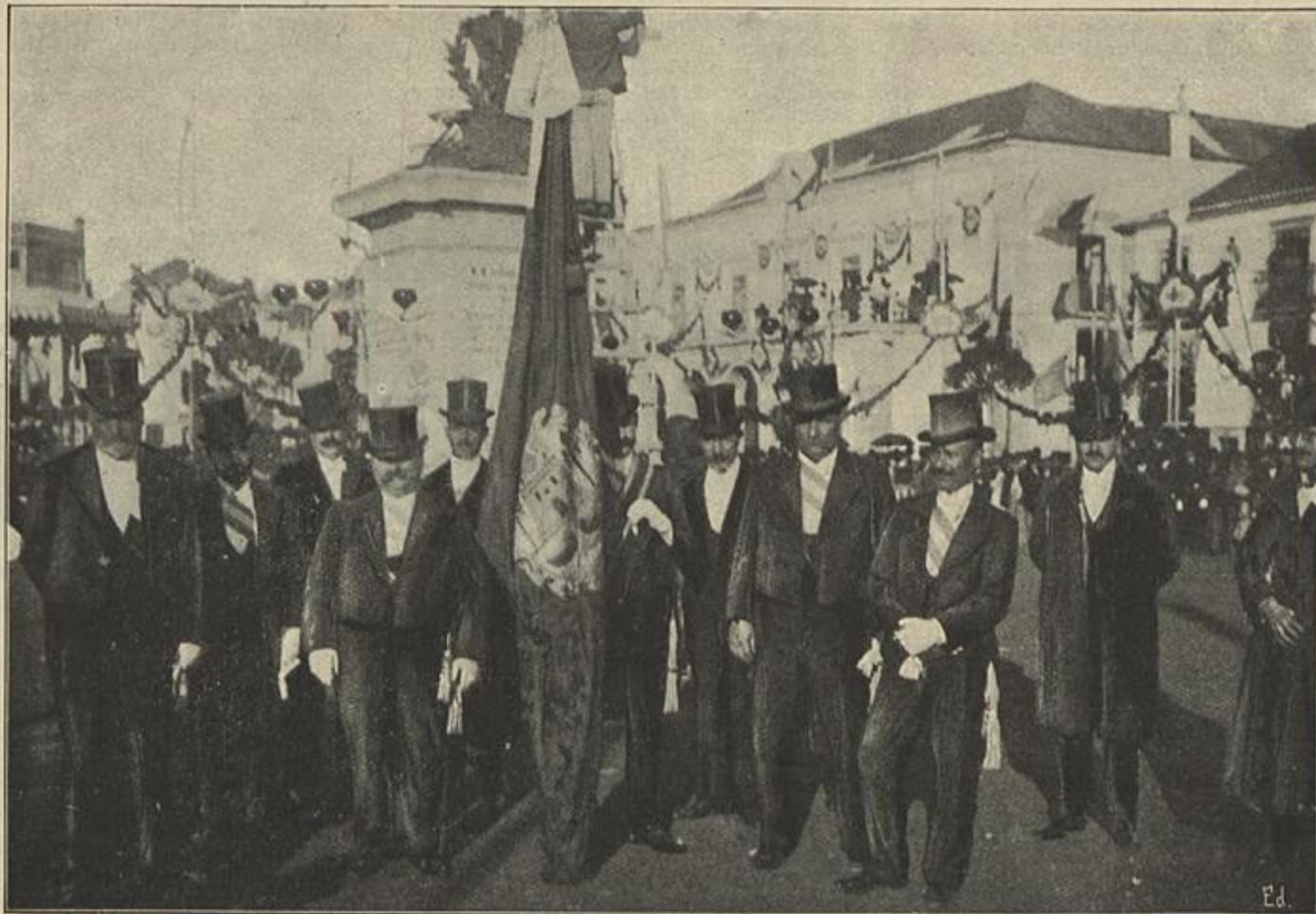
«Na Lyra de Bocage pulsavam então quatro cordas. que o fizeram o Genio primacial que todos admiram e que um seculo divinisa. Gloria ao municipio de Setubal, comprehendendo a sua missão de sociabilidade.»

C. A.

As Festas do Centenario de Bocage em Setubal

O dia 21 de dezembro amanheceu radiante de sol e de alegria ao estrealjar das girandolas de foguetes e ao som das musicas, que percorriam as

Centenario de Bocage



O CORTEJO CIVICO — A CAMARA MUNICIPAL DE SETUBAL, NA PRAÇA DE BOCAGE

Seguiu-se o descerramento de uma corôa de bronze collocada no monumento pelo Club Tiro-Tauro.

A convite do sr. Rosa Albino presidente do Club, foi tambem o sr. Dr. Theophilo Braga que descerrou a corôa, proferindo as seguintes palavras:

«Descobrimo a corôa de bronze que o Club Tiro-Tauro votou a Bocage, vindo depol-a no sócco do pedestal da estatua de Bocage, fica d'esta hora em diante exposta á luz de um seculo que começa mostrando que o espirito social de Setubal soube achar uma expressão tão sympathica para glorificarmos o poeta, patentear a comprehensão devida no ideal humano».

A estes actos devia seguir-se uma sessão solemne na sala dos Paços do Concelho a qual foi transferida para o dia immediato por motivo do seguinte telegramma, expedido pelo governo ao digno presidente da Camara e da Commissão dos festejos, sr. Joaquim José Fragoso.

Ex.^{mo} sr. presidente da commissão dos festejos em honra de Bocage — Setubal

« Communico a v. ex.^a que Sua Alteza o Principe Regente e o governo, não se fazem representar no dia de hoje nos festejos, realisados n'essa cidade em honra de Bocage.

Desejando sua alteza o principe regente e o governo, dar um testemunho da sua consideração por essa cidade e pela memoria de Bocage, resolveu fazer-se representar Sua Alteza o Principe Regente, pelo sr. Charters de Azevedo e o governo pelo sr. ministro do reino e da marinha, nas festas do dia de amanhã, não se podendo fazer tal representação nas festas de hoje por motivo de regresso de Suas Magestades.

(a) o conselheiro director geral de instrucção publica Abel de Andrade.

Essa sessão solemne foi imponente, não só por que a ella concorreram as pessoas mais importantes de Setubal, em que se contava o elemento official, mas ainda pelo brilhante discurso que fez o sr. Dr. Theophilo Braga, convidado pelo sr. presidente da camara a presidir á sessão, e que foi uma verdadeira apothose de Bocage.

A' noite houve recita de gala no theatro D. Amelia, a que assistiu o sr. tenente coronel Charters d'Azevedo representando S. A. o Principe

Regente D. Luiz Filippe, e os srs. ministros do reino e da marinha como representantes do governo.

Com este numero do programma terminaram as festas do centenario de Bocage, festas altamente significativas pela expressão popular que tiveram, o que importa mais um passo dado na civilização de um povo.

Não terminaremos esta breve noticia sem registrar que a principal iniciativa d'esta honrosa commemoração partiu do Club Tiro-Tauro, iniciativa apoiada pela Camara Municipal e que, felizmente, tão bello resultado alcançou.

AVISO

Com este n.º é distribuido gratis a todos os srs. assignantes, alem do frontespicio, indices e capa de papel para o volume, UM SUPPLEMENTO RETRATO DE MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE.

Este supplemento avulso custa 200 rs. e com o n.º, 320 réis.

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

PHOTOGRAPHIAS

A Redacção d'O OCCIDENTE acceta photographias de todos os assumptos de interesse e de actualidade, tanto de Portugal como do Estrangeiro, as quaes serão publicadas, vindo acompanhadas das indicações indispensaveis para o respectivo artigo.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE

REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobillias e estofos em todos os generos e estylos

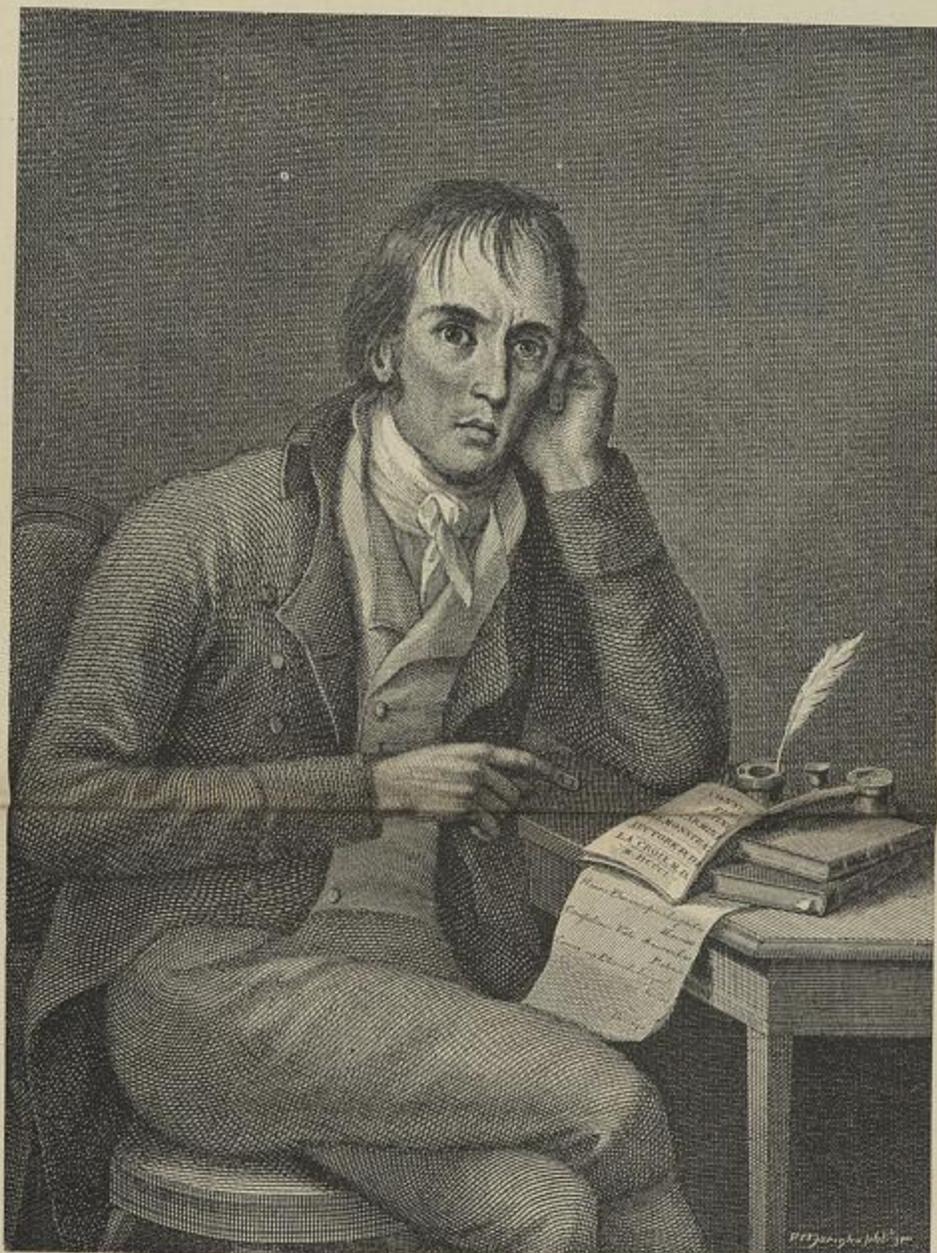
PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

Capas para a encadernação do OCCIDENTE

Preço da capa 800 réis, franco de porte. Preço da capa e encadernação 1200 réis. Pedidos á EMPRESA DO OCCIDENTE —L. do Poço Novo—Lisboa.

30 DE DEZEMBRO DE 1905



Manoel Maria Barbosa du Bocage

Fac-simile de uma gravura de Bartolozzi, copia do quadro de Henrique José da Silva

O retrato de Bocage por elle proprio

Magro, de olhos azues, carão moreno,
Bem servido de pés, meião n'altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno;

Incapaz de assistir n'um só terreno.
Mais propenso ao furor do que á ternura,
Bebendo em niveas mãos por taça escura
De zelos infernaes, lethal veneno;

Devoto incensador de mil Deidades,
(ligo de môças mil) n'um só momento,
E sómente no altar amando os Frades;

Eis Bocage, em quem luz algum talento:
Sahirão d'elle mesmo estas verdades
N'um dia em que se achou mais paxorrento.

*Poesias dedicadas A' Ill^{ma} e Ex^{ma} Senhora
Condessa de Oyenhausen, por Manoel Maria Bar-
bosa du Bocage, etc. Tomo III — Lisboa, MCCCIV.*

